



## BRINCADEIRA NO HOSPITAL: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS?

Eixo Horizontal: EH8: DIREITO E SAÚDE

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Priscila Mary dos Santos Bahia; Ilka Dias Bichara;

O adoecimento de um indivíduo configura-se como uma ruptura nos padrões desenvolvimentais esperados e, ao ocorrer na infância, torna-se ainda mais inesperado. Este adoecimento, quando se associa com uma hospitalização, conduz a criança a uma nova e dura realidade em que há uma considerável restrição de controle sobre os eventos. Com a hospitalização, a criança tem um encontro com o desconhecido, com o estranho; no seu entorno, agora, encontram-se aparelhos, fios, soros e tubos. Contudo, embora haja a perda da saúde, submissão a procedimentos médicos, separação da família, mudança nas rotinas, o internamento não paralisa a criança. O brincar, a sua ação simbólica no mundo, permanece vivo dentro do hospital. Considerando esses aspectos, o presente trabalho tem por objetivo analisar as percepções de crianças hospitalizadas sobre os espaços de brincadeiras no hospital, compreendendo as mesmas como sujeitos de desejo e de expressão. Para isso, foram realizadas 12 entrevistas, mediadas por um desenho, com a questão disparadora: “Desenhe o lugar que você mais gosta de brincar aqui no hospital”, com crianças internadas em um hospital público, localizado em Salvador-Ba. A brinquedoteca hospitalar foi o lugar mais evocado pelas crianças no momento do desenho (11), configurando-se como o espaço preferido pelas mesmas no ambiente hospitalar para brincar. Dentre os motivos trazidos pelas crianças para a escolha da brinquedoteca, tem-se: “Porque é divertido e também tem um bocado de brinquedo”, “Porque tem muito brinquedo. E a gente se diverte”, “Pra distrair, é bom brincar lá” e “Lá é o único lugar divertido. Não tem outro lugar”. Percebeu-se, pelas falas das crianças, que a brinquedoteca consistiu em um espaço que quebrou a unidade espacial da instituição, como também rompeu com a característica temporal presente no dia-a-dia da hospitalização em que a criança se vê continuamente como alguém voltado para o tratamento, para ofertar um momento no qual o tempo pode ser divertido. Chamou a atenção no estudo que, embora o pouco acesso e uso da brinquedoteca pelas crianças na instituição (aproximadamente 06 horas semanais), esse dispositivo apareceu como o lugar preferido das mesmas para brincar, o que demarca a sua diferença qualitativa em comparação aos outros espaços da instituição, inclusive mais utilizados pelas crianças. Mediante o mundo de possibilidades ofertado pela brinquedoteca, as crianças relataram brincar de castelo, boneca, boneco, cozinha, doces, dominó, uno, bola, carrinho, carro grande, robô, entre outros, apontando para uma variedade importante de brincadeiras, com baixa associação a situação de adoecimento, o que demarca que o desejo pelo brincar mantém-se presente apesar da hospitalização. É importante compreender que o internamento não paralisa os brincantes, o brincar não é suspenso da vivência dos mesmos embora a suspensão da função do corpo que motiva a hospitalização e os cuidados da equipe. A ação simbólica das crianças no mundo permanece viva e movimentando os brincantes a agir ludicamente, desse modo, considera-se benéfico à inclusão do brincar na rotina institucional além do freqüente e, muitas vezes, exclusivo cuidado à doença.